

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO DE AFONSO X DE LEÃO E CASTELA NO PRÓLOGO DA OBRA CANTIGAS DE SANTA MARIA (SÉCULO XIII)

Eduardo Paré Glück¹

Doutorando em Linguística Aplicada (UNISINOS)

Yuri Leonardo Rosa Stelmach²

Mestrando em História (UFRGS)

RESUMO

Este artigo objetiva verificar como Afonso X constrói seu *ethos* discursivo na interação com seu interlocutor ao compor o prólogo da obra. Para a análise, investigamos, a partir das marcas do comportamento enunciativo do locutor, a imagem que o rei dá de si para legitimar sua fala. Do ponto de vista teórico, valemo-nos de categorias do Modo de Organização Enunciativo postuladas por Charaudeau (2014) e de conceitos de *ethos* discursivo de Maingueneau (2002; 2008) e de Amossy (2005; 2008). Os resultados mostraram que a atenção ao comportamento enunciativo do rei Afonso X nos leva à construção de seu *ethos* discursivo projetado. Ele atribui a si papéis que o autorizam a opinar e a querer, bem como a expressar seu ponto de vista por meio da obrigação, do saber e da ignorância. Tais ações visam a louvar a Virgem Maria e a cantar suas narrativas de milagres.

Palavras-chave: *Ethos* discursivo; Comportamentos enunciativos; Prólogo; Cantigas de Santa Maria; Idade Média.

Introdução

Nas primeiras páginas de uma obra textual da Idade Média, é comum encontrarmos um prólogo, que antecede a obra em si. De forma geral, o prólogo é caracterizado como um curto texto de introdução à obra, em que o autor busca apresentar-se ao público, bem como caracterizar seus escritos, expondo as suas motivações e as suas intenções. Conforme Aguilar (1989), baseado na definição aristotélica, esse curto texto introdutório é uma herança das tragédias e das comédias encenadas na Antiga Grécia, em que o prólogo era responsável por introduzir as narrativas, expondo seus argumentos.

A origem do prólogo também pode ser associada ao *Exórdio* (ou *proemio*, proêmio), uma das partes que compõe a estrutura do discurso na retórica clássica (AGUILAR, 1989). Era o momento inicial do discurso do orador, mediante o qual ele introduzia sua fala, objetivando abrir o canal de comunicação com o público e, com isso, ganhar a atenção e a simpatia dos ouvintes (REBOUL, 2004). Por meio dessa dupla origem na Antiguidade, o prólogo difundiu-

¹ Endereço eletrônico: eduardogluck@gmail.com

² Endereço eletrônico: yuri.stelmach@gmail.com

se pelo medievo europeu, aparecendo em obras de variados gêneros - historiográficas, crônicas, hagiografias. Para Ward (2012), muitos autores medievais sabiam explorar e utilizar o espaço textual que o gênero prólogo lhes oferecia, utilizando-o com finalidades semelhantes às citadas anteriormente. Dessa forma, no contexto medieval, a função do prólogo é de

[...] justificar a redação, tanto do texto concreto que introduz quanto o próprio ato de escrever; mas, nessa justificativa, o escritor pode comprometer-se como pessoa: por ele, no prólogo, o autor pode adotar uma postura supostamente objetiva, explicando a necessidade, utilidade, novidade, etc. do que foi escrito por ele, mas também polemizar, defender-se, etc. O prólogo é o local onde a ideologia do escritor se mostra de maneira mais explícita, tanto na origem e na forma da redação quanto no(s) seu(s) conteúdo(s) [...]³ (AGUILAR, 1989, p. 79, tradução nossa).

O prólogo, portanto, também pode ser considerado o gênero de uma obra em que é possível observar a forma como o indivíduo constrói a sua imagem enquanto autor, como ele se posiciona discursivamente e manifesta o seu interesse na elaboração de seu trabalho. Como observou Fernández (2011, p. 48, tradução nossa), o prólogo das Cantigas de Santa Maria (doravante CSM) é uma das peças fundamentais que compõem o cancionero mariano, em que “justifica-se a obra e apresenta-se o rei na qualidade de seu autor e promotor”⁴. Ainda, conforme Aguilar (1989), na Idade Média, o prólogo aparece consolidado e configurado, permitindo que possa ser considerado um gênero passível de análise. As CSM são um conjunto de poemas dedicados à Santa Maria, escritos, musicados e ilustrados na corte desse rei castelhano na segunda metade do século XIII⁵.

Assim, considerando o cenário exposto, interessa-nos perceber como Afonso X, enquanto devoto da Virgem Maria, promotor e autor da obra, revela-se discursivamente no prólogo⁶ de seu cancionero mariano, que são as CSM. Em outras palavras, o que Maingueneau

³ [...] justificar la escritura, tanto la del texto concreto que introduce como el hecho mismo de escribir; pero en esa justificación el escritor puede llegar a comprometerse como persona: por ello, en el prólogo el autor puede adoptar una actitud supuestamente objetiva, explicando la necesidad, utilidad, novedad, etc. de lo escrito por él, pero también polemizar, defenderse, etc. En el prólogo es donde la ideología del escritor se muestra de manera más explícita, y ello tanto sobre el origen y la forma de la escritura como sobre su(s) contenido(s) [..].

⁴ “[...] justifica la obra y se presenta al rey en calidad de autor y promotor de la misma”.

⁵ Entre os especialistas das obras afonsineas é consenso a afirmação de que as CSM não foram, em sua totalidade, escritas por Afonso X, mas resultam do trabalho de copistas e iluminadores de seu *scriptorium*. Refletindo sobre a questão da autoria, Mettmann (1987, apud JIMÉNEZ, 2004) argumentou que pode ser atribuída a autoria direta de Afonso X nas cantigas expressas em primeira pessoa, o que o autor considera uma marcação autobiográfica no texto. Acreditamos que essa análise também se estenda ao prólogo.

⁶ As Cantigas de Santa Maria contêm dois prólogos, os quais são chamados de Prólogo A e Prólogo B. Para fins da análise proposta e devido aos limites impostos a extensão do presente texto, iremos nos limitar à análise do Prólogo B. Salientamos também que essa nomenclatura foi empregada por Mettmann (AFONSO X, 1959) para

(2002; 2008) denomina de *ethos discursivo*. Para Maingueneau (2008), quando exibimos nossa personalidade enquanto locutores⁷, evidenciamos nosso comportamento, nosso modo de nos mover no espaço social, além de nossa intencionalidade de fala.

Nesse sentido, nosso estudo tem por objetivo verificar como o rei Afonso X de Leão e Castela (1252-1284) constrói seu *ethos* discursivo na interação com seu interlocutor ao compor o prólogo da obra CSM. Para tanto, evocaremos Charaudeau (2014) a fim de analisar as marcas do comportamento enunciativo do locutor, com as categorias do Modo de Organização Enunciativo, e Maingueneau (2002; 2008) e Amossy (2005; 2008) para tratar do *ethos* discursivo daquele que se enuncia – nesse caso, do rei Afonso X. Em seguida, investigaremos o prólogo das CSM à luz dos postulados aqui evocados. Por fim, apresentaremos os resultados e as conclusões decorrentes dos resultados alcançados, bem como algumas considerações acerca de possíveis contribuições oferecidas ao conjunto de investigações sobre o *ethos* discursivo.

As Cantigas de Santa Maria

A obra Cantigas de Santa Maria (CSM) é composta por um conjunto de 427 poemas em galego-português⁸, escritos, musicados e ilustrados na segunda metade do século XIII, no Reino de Leão e Castela⁹. Organizados na forma de um livro, os poemas narram uma série de episódios milagrosos atribuídos a Maria, os quais são permeados por relatos de devoção, pecados, conversões e castigos impostos por ela. Em suas narrativas, estão envolvidos os mais diversos tipos da sociedade castelhana medieval – de nobres a camponeses, passando por membros do clero, judeus, muçulmanos e, por vezes, o próprio rei Afonso –, personagens que estão inseridos em um complexo número de situações e interações com Maria.

Esse empreendimento foi elaborado por ordem e patrocínio do rei Afonso X de Leão e Castela, cujo reinado estendeu-se de 1252 a 1284. Esse rei recebeu a alcunha de *O Sábio*, devido

fins de organização de sua compilação das Cantigas. Portanto, ela não é uma criação de Afonso X e está ausente nos manuscritos do século XIII.

⁷ Ao assumirmos os postulados de Charaudeau (2014), incorporamos também a sua teoria dos sujeitos. Os seres de fala se enquadram ora em identidades psicossociais, ora em identidades discursivas. Interessados no *ethos*, daremos mais atenção à identidade discursiva que aquele que fala projeta em sua enunciação, motivo pelo qual, neste artigo, o nomearemos prioritariamente de *locutor*.

⁸ Na Península Ibérica medieval, o galego-português era considerado a língua ideal para a lírica poética trovadoresca, semelhante à consideração que possuía o dialeto provençal nas regiões de língua francesa e o toscano na Península Itálica (SILVA, 2017).

⁹ Trata-se da atual Espanha, que na Idade Média era composta por diversos reinos.

ao fato de ter produzido e patrocinado um grande número de obras em seu *scriptorium*¹⁰, de cunho jurídico, historiográfico, musical e poético. Em sua corte, Afonso X manteve poetas, trovadores, músicos e sábios, tanto cristãos quanto judeus e muçulmanos, possibilitando um diversificado ambiente religioso e cultural (JIMÉNEZ, 2004).

As CSM foram produzidas em um contexto de crescente devoção à figura de Santa Maria na Europa medieval, o qual inicia-se por volta do século XII e estende-se pelos séculos posteriores. Conforme Leão (2009), é nesse momento que começam a surgir obras dedicadas a narrar e a preservar os milagres atribuídos a Maria, coleções escritas não apenas em latim, mas também nas línguas vernaculares nascentes¹¹. Além do seu caráter religioso e devocional a Maria, alguns autores salientam que as CSM também podem ser analisadas sobre o prisma de suas funções políticas (FONTES, 2009). Dentre essas funções, está a de legitimação de Afonso X e seu reinado, instrumentalizado por meio de sua representação enquanto um monarca devoto e protegido da Virgem, a sacralidade de seu poder real, o enaltecimento de sua linhagem, dentre outros aspectos (KLEINE, 2001).

Tendo em vista o tamanho da obra (em número de composições) e o seu caráter musical, é possível que as CSM fossem executadas perante o público – em igrejas, por exemplo – e em ambientes mais restritos da corte Castelhana. Encontram-se preservados, atualmente, quatro manuscritos da obra¹². Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos o fac-símile do *Códice Rico*, reproduzido por meio de edição numerada, em Madri, no final da década de 1970 (ALFONSO X EL SABIO, 1979). O acesso a essa reprodução foi possibilitado pela Biblioteca Padre Alberto Antoniazzi, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, a qual preserva um exemplar fac-similado da obra. Concomitantemente, contamos com o auxílio da compilação realizada por Mettman (1959), o qual reuniu e organizou as CSM por meio de seus quatro manuscritos originais.

¹⁰ O *scriptorium* era um local reservado para uso dos escribas, copistas, ilustradores (iluminadores) envolvidos na produção e difusão de obras e manuscritos. Era um ambiente muito comum em comunidades monásticas medievais e nas cortes reais - *scriptorium régio* (FONTES, 2017).

¹¹ Dentre essas obras, Leão (2009) destaca *Les Miracles de Nostre Dame*, de Gautier de Coincy, e *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, escritas em língua francesa antiga e castelhano arcaico, respectivamente. Além dessas, Silva (2017), evidencia o trabalho de Gil de Zamora (XIII) com o seu *Liber Mariae* e, no contexto inglês, a obra *Marienlegenden*, de William Adgar (XII).

¹² To, Ms. 10.069, Biblioteca Nacional de Madri; T, Ms. T-I-1, Real Biblioteca do Mosteiro El Escorial; F, Ms. B.R.20, Biblioteca Nacional Central de Florença; E, Ms. B-I-2, Real Biblioteca do Mosteiro El Escorial.

Noção de *ethos* discursivo: de Aristóteles a Maingueneau e a Amossy

Podemos dizer, à luz de Aristóteles (2007), que o *ethos* é uma das três formas de persuasão, além do *pathos*, que está ligado à emoção, e do *logos*, que diz respeito à razão. Sob esse prisma, o interlocutor permite que ele seja convencido por meio dessas três provas empregadas pelo locutor (*ethos*, *pathos* e *logos*).

Para Aristóteles (2007), quando o *eu* se enuncia em seu ato de fala, ele visa a construir uma imagem positiva de si, com a finalidade de persuadir o seu enunciatário. Por isso, para ele, o *ethos* está ligado à retórica, sendo esta “entendida aqui como a teoria ou ciência da arte de usar a linguagem com vistas a persuadir ou influenciar” (BATISTA, 2011, p. 605).

Conforme Aristóteles (2007, p. 23-24),

O caráter pessoal do orador alcança a persuasão, quando ele nos leva a crer no discurso proferido. Acreditamos mais nos homens de bem por serem mais preparados e íntegros. [...] O seu caráter pode ser chamado de o mais eficiente meio de persuasão que ele possui.

Dessa forma, na visão de Aristóteles (2007), o *ethos* diz respeito ao caráter do locutor, que busca persuadir seu auditório por meio de seu ato de fala. Em vista disso, o linguista francófono Dominique Maingueneau (2008) versa sobre o conceito de *ethos* desenvolvido por Aristóteles ao afirmar que o *ethos* é a imagem de si no discurso.

Nessa ótica, conforme Maingueneau (2002), revelamos a personalidade do locutor por meio da enunciação. Ou seja, revelamos o *ethos* discursivo do sujeito de fala, que é a forma como o *eu* se caracteriza ao se enunciar em seu discurso.

A isso, soma-se o fato de que o locutor, em seu ato de fala, procurar um discurso de qualidade. Destarte Maingueneau (2002, p. 99), a qualidade do *ethos* remete “à imagem desse ‘fiador’ que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado” (MAINGUENEAU, 2002, p. 99). Desse modo, é por intermédio de seu próprio enunciado que o locutor visa a legitimar a sua maneira de dizer.

Já para Amossy (2008, p. 9),

[...] todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. [...] Que a maneira

de dizer induz uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências. [...] A apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros, nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais.

Dessa forma, consoante Amossy (2008), podemos dizer que o *ethos* não é puramente linguageiro e interno ao discurso. Isto é, este não se restringe apenas às questões textuais, como também às questões que envolvem problemas de uma comunidade e externas ao texto. Afinal, como enfatiza a linguista: “a construção discursiva de uma imagem de si é suscetível de conferir ao orador sua autoridade, isto é, o poder de influir nas opiniões e de modelar atitudes” (AMOSSY, 2005, p. 142).

Dito isso, a fim de investigarmos as marcas linguístico-discursivas contidas no prólogo que nos permitem revelar o *ethos* discursivo do rei Afonso X, elegemos categorias linguísticas à luz da teoria Semiolinguística, desenvolvida pelo linguista Patrick Charaudeau. Tais categorias provêm do Modo de Organização Enunciativo, nos comportamentos e nas especificações enunciativas (CHARAUDEAU, 2014). Passemos a elas.

***Ethos* discursivo e o Modo de Organização Enunciativo**

Para este estudo, valemo-nos das categorias do Modo de Organização Enunciativo postuladas por Charaudeau (2014), investigando as marcas linguístico-discursivas presentes nos prólogos das Cantigas de Santa Maria, com o objetivo de verificar como o rei Afonso X constrói seu *ethos* discursivo na interação com seu interlocutor ao compor os dois prólogos da obra.

De acordo com Charaudeau (2014, p. 338, grifo nosso), “O modo de organização enunciativo permite organizar a colocação em cena dos protagonistas da enunciação (*eu, tu, ele*), sua identidade e suas relações, com o auxílio da modalização, igualmente denominados ‘papéis enunciativos’ (alocutivo, elocutivo e delocutivo)”. Assim, para Charaudeau (2014), no âmbito da análise do discurso, existem três funções do Modo Enunciativo, que são: alocutiva (em que se estabelece relação de influência entre locutor e interlocutor), elocutiva (em que se revela o ponto de vista do locutor) e delocutiva (em que se retoma a fala de um terceiro).

Conforme Charaudeau (2014, p. 82), na função alocutiva, “o sujeito falante enuncia sua posição em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, o implica e lhe impõe

um comportamento.”. Ou seja, nessa função, estudamos como o locutor age enunciativamente sobre o interlocutor, isto é, a relação de influência sobre o outro.

Na função elocutiva, segundo Charaudeau (2014, p. 83), “o sujeito falante enuncia seu ponto de vista sobre o mundo (o propósito referencial), sem que o interlocutor esteja implicado nessa tomada de posição.”. Em outras palavras, nessa função, consideramos a manifestação do *eu*, buscando evidenciar tanto o modo com o qual o locutor se coloca frente a seu interlocutor quanto se relaciona consigo mesmo.

Já na função delocutiva, para Charaudeau (2014, p. 83), “o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica seu interlocutor. Ele testemunha a maneira pela qual os discursos do mundo se impõem a ele.”. Isto é, nessa função, analisamos como o locutor “desaparece” no seu ato enunciativo ao retomar a fala de um terceiro. Isso porque, na função delocutiva, assim como no discurso relatado, a enunciação não está vinculada nem ao próprio locutor nem ao interlocutor. Conforme Glück e Zandonai (2020, p. 7, grifo dos autores), na função delocutiva, “não há, portanto, a implicação do *eu* e do *tu*; apenas de um terceiro.”.

Para cada uma dessas funções enunciativas, correspondem categorias da língua, conforme Charaudeau (2014). No comportamento alocutivo, encontram-se as categorias modais: Interpelação, Injunção, Autorização, Aviso, Julgamento, Sugestão, Proposta, Interrogação e Petição. No elocutivo: Constatação, Saber/Ignorância, Opinião, Apreciação, Obrigação, Possibilidade, Querer, Promessa, Aceitação/ Recusa, Acordo/Desacordo, Declaração e Proclamação. No delocutivo: a Asserção e o Discurso Relatado.

De acordo com Giering e Glück (2019, p. 4), “[...] os comportamentos enunciativos evidenciam marcas linguístico-discursivas do *ethos* do locutor, por meio das quais se revela sua personalidade”. Dessa forma, levando em consideração que estamos tratando de análise do prólogo da CSM, valemo-nos dessas categorias desenvolvidas por Charaudeau (2014), buscando evidenciar o modo pelo qual Afonso X se enuncia em relação ao interlocutor, a si mesmo ou a um terceiro.

Esclarecido o nosso referencial teórico, passamos para a descrição da Metodologia que foi empregada na pesquisa aqui relatada.

Metodologia

Como expomos anteriormente, o *corpus* desta pesquisa é constituído pelo prólogo das Cantigas de Santa Maria, de Afonso X, acessado por meio da versão fac-similada do *Códice*

Rico (Figura 1) e da edição elaborada por Walter Mettmann (AFONSO X, O SÁBIO, 1959). Conforme a Figura 1, a seguir, o prólogo é uma composição de destaque na obra, acompanhado por sua notação musical, bem como pela imagem que configura o rei Afonso X como autor do poema¹³.

Figura 1 – Prólogo do fac-símile do *Códice Rico*



Fonte: AFONSO X EL SABIO (1979).

Na seção de análise, encontra-se a versão traduzida do texto, realizada por nós autores para a presente investigação. O prólogo está dividido pelas sete estrofes que o compõem e segmentado por meio da enumeração de seus versos. Tal segmentação facilita, para fins de análise, a referência aos trechos do texto pelos seus respectivos números de segmento.

¹³ Sobre a representação iconográfica de Afonso X nas obras elaboradas em seu *scriptorium*, ver CORTÉS (2016).

Neste artigo, analisamos as estrofes do prólogo em relação à riqueza de marcas linguísticas relativas ao Modo de Organização Enunciativo (CHARAUDEAU, 2014). Em outras palavras, detemo-nos nos trechos mais significativos do prólogo do ponto de vista das marcas linguísticas enunciativas, averiguando como Afonso X constrói seu *ethos* discursivo na interação com seu interlocutor ao compor o prólogo de sua obra.

Findada a exposição da metodologia adotada na pesquisa abordada neste trabalho, apresentamos, a seguir, a análise do prólogo que compõe nosso *corpus* de estudo.

Análise do prólogo

Apresentamos, na sequência, a análise do prólogo da Cantiga de Santa Maria, buscando evidenciar a construção do *ethos* discursivo de Afonso X ao examinarmos o seu comportamento enunciativo. A seguir, segue a tradução do prólogo segmentada:

- (1) *Porque trovar é algo que necessita de*
- (2) *entendimento, por isso quem o faz*
- (3) *deve possuí-lo, e bastante razão,*
- (4) *para que entenda e saiba dizer*
- (5) *o que entende e o que lhe agrada,*
- (6) *pois assim há de fazer a boa trova*
- (7) *E apesar de eu não possuir esses dois requisitos*
- (8) *como eu queria, mas, demonstrarei*
- (9) *o pouco que sei,*
- (10) *confiando em Deus, de onde vem a sabedoria,*
- (11) *pois por meio dele acredito que poderei*
- (12) *mostrar alguma coisa do que quero.*

- (13) *E o que quero é louvar*
- (14) *à Virgem, Mãe de nosso Senhor,*
- (15) *Santa Maria, que é a melhor*
- (16) *coisa que ele fez; e por isso eu*
- (17) *quero ser o seu trovador*
- (18) *e lhe rogo para que me queira por seu*

- (19) *Trovador e que queira meu trovar*
- (20) *receber, pois por meio dele eu quero mostrar*
- (21) *os milagres que Ela fez; ademais,*
- (22) *quero deixar de trovar*
- (23) *para outra dona, e recuperar,*
- (24) *por Essa, quanto pelas outras perdi.*

- (25) *Pois o amor desta Senhora é tal,*
- (26) *que quem o tem, sempre por ele é valorizado,*
- (27) *e se há ganhado, não o perde,*
- (28) *senão por sua grande desgraça,*
- (29) *querendo deixar o bem e fazer o mal,*

(30)*por isso o perde, e não por outro motivo.*

(31)*Por isso, Dela eu não quero me afastar*

(32)*pois sei plenamente que, se a servir bem,*

(33)*não poderei falhar em obter a sua bondade,*

(34)*pois nunca falhou para quem soube pedir com piedade,*

(35)*pois tais preces sempre foram ouvidas por ela.*

(36)*Por isso lhe peço, se Ela quiser,*

(37)*que lhe agrade o que Dela eu disser*

(38)*em meus cantos e, se lhe agradar,*

(39)*que me recompense como*

(40)*aos que ama; e quem souber,*

(41)*com prazer trovará por ela.*

Quando Afonso X se enuncia no início da primeira estrofe, nas linhas 1 e 2, ele o faz por meio de uma Opinião, modalidade elocutiva: “*Porque trovar é algo que necessita de entendimento*”. Na Opinião, esclarece Charaudeau (2014, p. 93), da parte do locutor:

um fato ou afirmação é pressuposta e a partir daí o locutor explicita a posição que o fato ou a informação ocupam em seu universo de crenças. Assim, o locutor avalia a verdade de seu propósito e, ao mesmo tempo, revela qual é seu ponto de vista.

O interlocutor, por sua vez, não está implicado e é testemunha da opinião do locutor. Nesse caso, Afonso X opina sobre a tarefa de trovar - composição e canto - enquanto algo que exige conhecimento. Há, nessa opinião, uma avaliação valorativa da atividade de trovar.

Em seguida, nas linhas 2 e 3, o locutor mostra uma Obrigação a ser feita, na modalidade elocutiva: “*por isso, quem o faz deve possuí-lo*”. Trata-se de uma obrigação interna, tendo em vista que, para se realizar a tarefa de trovar com qualidade, o indivíduo deve possuir o conhecimento necessário para isso. Ainda na primeira estrofe, na linha 7, Afonso X também se enuncia por intermédio de uma Opinião, modalidade do comportamento elocutivo: “*pois assim há de fazer a boa trova*”. Na modalidade elocutiva da Opinião, o locutor explicita a posição que um fato ou informação ocupa em seu universo de crença, sem implicar o interlocutor.

No início da segunda estrofe, nas linhas 7 e 8, o locutor expõe a sua ignorância: “*E apesar de eu não possuir esses dois requisitos como eu queria*”. Para Charaudeau (2014, p. 92), na Ignorância, “*a informação pressuposta não pode ser reconhecida em sua verdade pelo locutor*”. Desse modo, Afonso X revela que não possui os requisitos da maneira suficiente que ele queria, que são o entendimento e a razão. Esse dito é articulado a partir da conjunção “*apesar de*”, que visa a expressar uma ideia contrária. Ao expor a debilidade em possuir os requisitos,

Afonso X utiliza um lugar recorrente na estrutura de prólogos ou proêmios, a saber, quando o locutor desculpa-se da própria inexperiência ao realizar sua tarefa, em que um dos objetivos é tornar seu interlocutor benevolente com seu trabalho (REBOUL, 2004). Dessa forma, o rei busca acentuar uma postura de humildade, pois, mesmo não possuindo os conhecimentos de modo suficiente, cumprirá seu objetivo de louvar à Maria, como visto a *posteriori*, na terceira estrofe.

Após, nas linhas 8 e 9, o rei evidencia o seu Saber, modalidade do comportamento elocutivo, por intermédio da conjunção adversativa *mas*: “*mas, demonstrarei o pouco que sei*”. Nesse caso, embora o locutor diga que não possui os dois requisitos que gostaria para ser um bom trovador, assume que, mesmo assim, demonstrará o que sabe, com a finalidade de louvar a Virgem Maria. No final dessa estrofe, das linhas 7 a 12, o locutor mostra a sua Opinião, modalidade do comportamento elocutivo: “*confiando em Deus, de onde vem a sabedoria, pois por meio dele acredito que poderei mostrar alguma coisa do que quero*”. Nesse caso, o rei “explicita a posição que a informação ocupa em seu *universo de crença*”. (CHARAUDEAU, 2014, p. 92, grifo do autor). Esses versos assinalam a crença do autor na sapiência de Deus, em quem Afonso X deposita confiança para o bom andamento da tarefa.

Na terceira estrofe, das linhas 13 a 17, o locutor se enuncia a partir de um Querer, modalidade do comportamento elocutivo: “*E o que quero é louvar, à Virgem, Mãe de nosso Senhor, Santa Maria, que é a melhor, coisa que ele fez; e por isso eu, quero ser o seu trovador*”. Nessas linhas, Afonso X “estabelece, com seu enunciado, uma ação a fazer cuja realização não depende dele” (CHARAUDEAU, 2014, p. 95). Ou seja, nesse caso, a ação não depende do rei, mas da Virgem Maria a quem ele recorre.

Além disso, no final dessa estrofe, na linha 18, até as duas primeiras linhas da quarta estrofe, linhas 19 e 20, o locutor realiza uma Petição, modalidade essa do comportamento alocutivo: “*e lhe rogo para que me queira por seu trovador e que queira meu trovar receber*”. Por meio dessa Petição, o rei “pede, com insistência, ao interlocutor para realizar essa ação para melhorar a situação dele, do locutor” (CHARAUDEAU, 2014, p. 90). Em outras palavras, Afonso X pede à Virgem que ela lhe aceite como seu trovador, em um *tom* de oração pessoal do rei autor da obra, assumindo uma postura de vassalo da Virgem.

No decorrer da quarta estrofe, linhas 20 a 24, o locutor enuncia-se novamente por meio de um Querer, modalidade do comportamento elocutivo: “*pois por meio dele eu quero mostrar os milagres que Ela fez; ademais, quero deixar de trovar para outra dona, e recuperar, por Essa, quanto pelas outras perdi*”. Nessa estrofe, o rei “diz que está numa situação de *carência*

que gostaria de ver preenchida, o que significa que vê a ação a realizar lhe sendo benéfica” (CHARAUDEAU, 2014, p. 95, grifo do autor). Assim, o locutor assume, em seu Querer, que não deseja mais dedicar-se a outras tarefas, objetivando apenas trovar e louvar a Virgem.

Ao longo de toda a quinta estrofe, das linhas 25 a 30, o locutor mostra a sua Opinião, modalidade do comportamento Elocutivo: “*Pois o amor desta Senhora é tal, que quem o tem, sempre por ele é valorizado, e se há ganhado, não o perde, senão por sua grande desgraça, querendo deixar o bem e fazer o mal, por isso o perde, e não por outro motivo.*”. Na Opinião, como esclarecido por Charaudeau (2014, p. 92), o locutor “revela qual é o seu ponto de vista”. O interlocutor, que é a Virgem Maria, por sua vez, não está implicado e é testemunha da opinião do locutor. Nesse caso, Afonso X exprime a sua certeza total, característica da modalidade Opinião. Para ele, a Virgem Maria intervém pelos indivíduos que nela confiam. Porém, a proteção de Maria pode ser perdida por aqueles que fazem o mal.

Na primeira linha da sexta estrofe, 31, o locutor revela o seu Querer, modalidade do comportamento elocutivo: “*Por isso, Dela eu não quero me afastar*”. Nesse caso, o Querer de Afonso X está relacionado à estrofe anterior, ao dizer que, quem tem o amor da Virgem Maria, é valorizado. Seu Querer é articulado a partir do operador *por isso*, que tem a função de estabelecer relação com o que fora dito anteriormente. Já nas linhas 32 e 33, o locutor mostra novamente a sua Opinião, modalidade do comportamento elocutivo: “*pois sei plenamente que, se a servir bem, não poderei falhar em obter a sua bondade*”. Dessa vez, o rei “avalia a verdade de seu propósito” (CHARAUDEAU, 2014, p. 92). Isto é, ele evidencia a sua certeza total, a convicção que, enquanto devoto e submisso à Maria, será agraciado pela Santa. Ainda na sexta estrofe, nas linhas 34 e 35, o locutor justifica a sua Opinião: “*pois nunca falhou para quem soube pedir com piedade, pois tais preces sempre foram ouvidas por ela.*”.

Na sétima e última estrofe do prólogo, das linhas 36 a 40, o rei tem um pedido a fazer, e o realiza por meio da Petição, modalidade do comportamento alocutivo: “*Por isso lhe peço, se Ela quiser, que lhe agrade o que Dela eu disser em meus cantos e, se lhe agradar, que me recompense como aos que ama*”. Vemos, nessa passagem, que o rei novamente pede, com insistência, à Virgem, para que ela melhore a sua atual situação (CHARAUDEAU, 2014). Em outras palavras, o locutor pede à Virgem que o recompense assim como recompensa aos que ama, caso os cantos de Afonso X sejam de Seu agrado.

Por fim, no final dessa estrofe, linhas 40 e 41, o locutor expõe o seu Saber, modalidade do comportamento elocutivo: “*e quem souber, com prazer, encontrará por ela.*”. Na modalidade do Saber, “a informação pressuposta é reconhecida em sua verdade pelo locutor”

(CHARAUDEAU, 2014, p. 92). Nesse caso, Afonso X evidencia que, quem souber e dispor do conhecimento do trovar, não hesitará na tarefa de louvar a Virgem.

Resultados e considerações finais

Neste estudo, buscamos evidenciar, na análise do prólogo, que a atenção do comportamento enunciativo do locutor - nesse caso, do rei Afonso X - nos leva à construção do *ethos* discursivo projetado. Ao longo de seu enunciado, o locutor autoatribui papéis que o autorizam a opinar e a querer, bem como a expressar seu ponto de vista por meio da obrigação, do saber e da ignorância. Do mesmo modo, Afonso X também realiza seu pedido a partir de uma petição.

Dessa forma, no prólogo, destacamos o comportamento elocutivo, distribuído nas modalidades Opinião, com cinco ocorrências; Obrigação, com uma ocorrência; Saber, com uma ocorrência; Ignorância, com uma ocorrência; e Querer, com três ocorrências. Emergiu igualmente o comportamento alocutivo, a partir da categoria Petição, com duas ocorrências. Por outro lado, não houve presença de categoria do ato delocutivo, em que se retoma a fala de um terceiro. Assim, sempre que o rei se marcava enunciativamente em seu prólogo, sua relação estava implicada sempre consigo mesmo, a partir das categorias do comportamento elocutivo, ou com seu interlocutor – nesse caso, com a Virgem Maria – por meio da categoria Petição, comportamento alocutivo.

Majoritariamente, no comportamento elocutivo, as categorias que se sobressaíram foram a Opinião e o Querer. Isso revela que o rei, ao construir sua imagem de si em seu discurso, ora avaliava a verdade de seu propósito ora revelava o seu ponto de vista, com a sua Opinião. Da mesma forma, Afonso X ora estabelecia uma ação a fazer cuja realização não dependia dele ora recorria a um outro agente – à Virgem – diferente dele mesmo para realização a ação, com o seu Querer.

Acreditamos que seja importante salientar que, nos dois casos em que ocorreu a Petição, o locutor recorre à Virgem, seu interlocutor. Isso revela que há uma relação de pedido de um devoto para a sua Santa, uma vez que o locutor se coloca em posição de inferioridade em relação ao seu interlocutor. Portanto, é a partir da categoria Petição que o rei busca expor, com marcas linguísticas, uma posição de humilde submissão à Maria.

A partir das análises, constatamos que o prólogo sempre reflete as posições de Afonso X na condição de rei autor da obra e de rei devoto da Virgem Maria, e isso se expressa por

intermédio das marcas linguísticas da enunciação. Isto é, sempre há a ação enunciativa no prólogo, por meio da qual o rei visa a se *mostrar* enquanto protegido de Maria.

Por fim, observamos que o prólogo pode ser considerado uma oração pessoal de Afonso X para a Virgem Maria. Esse prólogo serve como porta de entrada à sua grande obra, que são as Cantigas de Santa Maria, por meio das quais o rei pretende louvar a Virgem e cantar os supostos milagres realizados por ela.

Referências

AFONSO X, O S. **Cantigas de Santa Maria**. Edição de Walter Mettmann. 4 v. Coimbra: Acta Universitatis Conimbricensis, 1959-1972. v. 1, 1959.

AGUILAR, R. C. Los prólogos alfonsíes. **Cahiers de linguistique hispanique médiévale**, 1989, n. 14-15, p. 79-90. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/cehm_0396-9045_1989_num_14_1_1063>. Acesso em: 16 mar. 2021.

ALFONSO X EL S. **Cantigas de Santa María**. Ed. fac-sim. do Códice T.I.1 da Biblioteca de San Lorenzo el Real de El Escorial, Siglo XIII. Madri: Edilán, n. 1452, 1979.

AMOSSY, R. (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Apologia da Polêmica**. São Paulo: Contexto, 2008.

ARISTÓTELES. **Retórica**. (coleção biblioteca clássica), São Paulo: Rideel, 2007.

BATISTA, M. S. A construção do ethos discursivo de São Bernardo de Claraval: a imagem de si no discurso. Espírito Santo: **Revista Eutomia**, 2011, p. 602-617. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/EUTOMIA/article/view/972/0>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2014.

CORTÉS, Marta H. Semblanza Iconográfica de la Realeza Sapiencial de Alfonso X: las miniaturas liminares de los códices regios. **Revista de Poética Medieval**, Alcalá, n. 30, p. 131-154, 2016b. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/revista/1204/A/2016>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

GIERING, M. E.; GLÜCK, E. P. *Ethos discursivo e o comportamento enunciativo: a construção de si de comentaristas de notícias de divulgação científica da revista *Superinteressante online**. **Letras de Hoje** (PUCRS), Porto Alegre, v. 54, n. 3, p. 385-394, jul./set. 2019.

GLÜCK, E. P.; ZANDONAI, M. F. Influenciando leitores, contra terra plana: o ethos na revista *Superinteressante on-line*. **Revista X**, v. 15, n. 3, p. 48-71, 2020.

FERNÁNDEZ, L. F. “Este livro, com’ achei, fez á onr’ e á loor da virgen santa maria”. El proyecto de las Cantigas de Santa María en el marco del escritorio regio. Estado de la cuestión y nuevas reflexiones. In: FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, L.; RUIZ SOUZA, J. C. **Cantigas de Santa María de Alfonso X el Sabio Rey de Castilla**. Madrid: Testimonio Compañía Editorial, 2011. p. 43-78. v. 2. Disponível em:

<https://www.academia.edu/1471401/_Este_livro_com_achei_fez_%C3%A1_onr_e_%C3%A1_loor_da_virgen_santa_maria_.El_proyecto_de_las_Cantigas_de_Santa_Mar%C3%ADa_en_el_marco_del_escritorio_regio.Estado_de_la_cuesti%C3%B3n_y_nuevas_reflexiones_en_Las_Cantigas_de_Santa_Mar%C3%ADa_el_C%C3%B3dice_Rico_Ms._T-I-1_RBME_Madrid_Testimonio_Editorial_Patrimonio_Nacional_2011_pp_43-78?auto=download>. Acesso em: 16 mar. 2021.

FONTES, L. A. S. Que ffuese ffecho por escripto para ssienpre: o scriptorium régio e a cultura escrita no reinado de Afonso X (Castela e Leão, 1252-1284). 2017. 433 f. Tese (Doutorado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017.

JIMÉNEZ, M. G. **Alfonso X El Sabio**. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.

KLEINE, M. Afonso X e a legitimação do poder real nas Cantigas de Santa Maria. Porto Alegre: **Anos 90**, Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2001, v. 9, n. 16, p. 51-69. Disponível em:

<<https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6225/3716>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

LEÃO, A. V. Gautier de Coincy: um cantor da Virgem. Belo Horizonte: **Revista do CESP**, 2009, v. 29, n. 42, p. 259-266, jul./dez. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/viewFile/6537/5539>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. 2. ed. São Paulo: Cortex, 2002.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p.11-29.

REBOUL, O. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, T. B. R. L. da. As Cantigas de Santa Maria e algumas possibilidades historiográficas. Rio de Janeiro: **Revista Augustus**, 2017, v. 22, n. 43, p. 161-171, jan./jun. Disponível em:

<<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/view/19811896.2017v22n43p161>>. Acesso em: 16 mar. 2021.

WARD, A. El prólogo historiográfico medieval. **Cahiers d'études hispaniques médiévales**, 2012, n. 35, p. 61-77. Disponível em:

<http://www.persee.fr/doc/cehm_1779-4684_2012_num_35_1_2274>. Acesso em: 16 mar. 2021.

THE CONSTRUCTION OF THE DISCURSIVE *ETHOS* OF AFONSO X DE LEÃO E CASTELA IN THE PROLOGUE OF THE WORK CANTIGAS DE SANTA MARIA (13TH CENTURY)

ABSTRACT

This paper aims to verify how Afonso X constructs his discursive *ethos* in the interaction with his interlocutor when composing the work's prologue. In the analysis, we investigated, based on the marks of the enunciative performances of the speaker, the image that the king gives of himself to legitimize his speech. From a theoretical point of view, we use categories from the Enunciative Organization Mode proposed by Charaudeau (2014) and concepts of discursive *ethos* by Maingueneau (2002; 2008) and Amossy (2005; 2008). The results showed that the attention to King Afonso X's enunciative performance leads us to the construction of his projected discursive *ethos*. He assigns himself roles that allow him to express his opinion and to want, as well as to express his point of view through obligation, knowledge, and ignorance. Such actions aim to praise the Virgin Mary and to sing the supposed miracles performed by her.

Keywords: Discursive *ethos*; Enunciative performances; Prologue; Cantigas de Santa Maria; Middle Age.

Envio: março/2021
Aceito para publicação: maio/2021

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO